

SUJEITO, CULTURA E IDENTIDADE EM *KARU TARU*: O PEQUENO PAJÉ

Terezinha Garcia Cazuza MARTINEZ¹

Dr. Paulo Henrique PRESSOTTO²

Eixo temático: Literaturas indígena e LGBTQI+

Resumo

Este artigo busca analisar a obra *Karu Taru: o pequeno pajé* (2013), de Daniel Munduruku, ao focar a cultura e a identidade indígena em relação à natureza, aos rituais, às crenças, à liberdade e ao respeito do tempo em cada fase da vida. Foram utilizados, neste trabalho, conceitos sobre a literatura indígena de ALENCAR, 2001; MUNDURUKU, 2013; THIÉL, QUIRINO, 2001; LUCIANO, 2006; GRÚNA, 2012; CAVALCANTE, 2008; MUNDURUKU, 2014. Para este estudo, foram elencados os seguintes objetivos: apontar os aspectos da cultura e da identidade indígena no que tange às crenças, aos rituais e à natureza; verificar como a liberdade é representada na narrativa; mostrar a relação existente entre liberdade, cultura e identidade nos rituais e crenças do povo indígena; verificar no texto a relação do sujeito com a natureza para a concretização dos rituais promovidos pelo pajé. Com o trabalho, foi possível afirmar que a cultura é específica em cada povo e, por meio dela, tem-se a identidade, assim como a sobrevivência da etnia, de acordo com a história relatada.

Palavras-chave: Munduruku. *Karu Taru: o pequeno pajé*. Cultura. Identidade.

Introdução

Este trabalho tem como proposta a análise do livro *Karu Taru: o pequeno pajé* (2013), de Daniel Munduruku, com ilustrações de Marilda Castanha, sob a ótica da literatura escrita pelos autores indígenas.

A referida obra apresenta a história de um menino chamado Karu, designado a ser o futuro pajé, principal sacerdote de seu povo. O personagem demonstra muitas dúvidas em ocupar esse posto de líder espiritual; no entanto, a partir da idade de 9 anos, é aconselhado pelo próprio pajé sobre sua decisão de ser, ou não, o futuro pajé. Esta fala com o líder espiritual lhe causa certo conforto. Há possibilidade do livre arbítrio, porém Karu Taru deve pensar sempre no coletivo.

¹ Discente do curso de Pedagogia da UFGD e aluna especial de Letras Port./Espanhol da UEMS-Dourados. terezinhagarciaagcm@gmail.com.

² Docente do curso de Letras Port./Espanhol da UEMS- Dourados. paulopressotto@uol.com.br

A partir do momento em que o protagonista observa a cura de uma menina, realizada durante um ritual liderado pelo pajé, Karu Taru sente orgulho de ser o escolhido para prosseguir a missão de no futuro ocupar a função de pajé. A dúvida pela qual sofre o personagem, em ser ou não ser pajé, causa a tensão da narrativa. Busca-se, então, abordar aqui o tema da liberdade e sua relação com a identidade e a cultura do povo indígena.

Objetiva-se, com este estudo, apontar aspectos da cultura e da identidade indígena no que tange às crenças, aos rituais e à natureza; verificar como a liberdade é representada na narrativa; mostrar a relação entre liberdade, cultura, identidade aos rituais e às crenças dessa etnia; apontar no texto a importância dos sujeitos com a natureza para a concretização dos rituais promovidos pelo pajé.

Este estudo se justifica por apresentar um livro infantil, uma literatura escrita por um autor indígena do povo munduruku, focando a cultura e a identidade, a crença e a natureza na narrativa; além disso, pretende-se uma interpretação do livro, possibilitando ao professor uma leitura da obra, incentivando-o a trabalhar com a literatura indígena em sala de aula.

No primeiro momento será abordada a cultura e a identidade indígena com relação à natureza e aos rituais; no segundo, será abordada a relação do sujeito com a liberdade e a crença apresentadas na obra. A análise será fundamentada em conceitos, sobre a literatura indígena e suas características, de autores como ALENCAR, 2001; MUNDURUKU, 2013; THIÉL, QUIRINO, 2001; LUCIANO, 2006; GRÚNA, 2012; CAVALCANTE, 2008; MUNDURUKU, 2014.

1 Cultura e identidade

Os povos indígenas em sua real cultura e identidade são pouco conhecidos. As etnias são estereotipadas pela sociedade “branca” e muitas vezes também nas escolas, o que é grave, haja vista que a fase escolar é o momento de quebra do sensu comum, de garantir o conhecimento. Atualmente estão surgindo autores indígenas que trazem histórias sobre a cultura e a identidade de seu povo para a informação de todos os índios e não índios. Esses escritores, através de suas vozes, desconstruem os estereótipos sobre as culturas.

Todas as pessoas ao nascer passam a pertencer a uma determinada cultura e identidade específica, de acordo com seus pais ou responsáveis, fazendo com que adquiram determinadas crenças e costumes próprios de seu meio de vivência. Esta seção se propõe apresentar e analisar a cultura e a identidade do povo indígena na história *Karu Taru: o pequeno pajé*. No decorrer da narrativa referida aparecem muitos aspectos que envolvem tais aspectos do povo munduruku. A cultura compõe a identidade indígena e é apresentada através dos rituais que são realizados pelo pajé, considerado o protetor da etnia, ou seja, o que pode desvendar sonhos e ofertar a cura. A proposta aqui é focar a predestinação de ser pajé no costume da etnia, mostrando a valorização do tempo e apontando a ligação dos sujeitos com a natureza. Para Janice Cristine Thiél e Vanessa Ferreira dos Santos Quirino, em “A literatura indígena na escola: um caminho para a reflexão sobre a pluralidade cultural (2011)”, a identidade é construída por meio do coletivo:

A identidade coletiva é constituída por um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos. Revela-se, ainda, nas formas de sentir, compreender e atuar no mundo, expressa-se por meio de objetos artísticos e saberes transmitidos. O homem é um ser social, faz parte de sua natureza viver em grupos, com os quais compartilha ideologias semelhantes. (THIÉL, QUIRINO. 2011, p. 2)

De acordo com as autoras, a identidade coletiva é construída por crenças, por comportamentos e atitudes, constituindo o sujeito que expõe, através da arte, a sua identidade, socializando-se e vivendo em grupo. Os povos indígenas se preocupam muito com o seu próximo, vivem em comunidade e buscam o melhor para os seus, principalmente o pajé, como mostra a história de *Karu Taru* (momento em que o pajé diz a *Karu* que, por mais que este fora designado pajé, é livre para escolher se quer, ou não, ocupar este posto; desse modo, pelas palavras do líder, fica nítida a preocupação com o seu povo).

1.1 Natureza

A natureza para os povos indígenas é de suma importância, eles a valorizam, entendendo-a como essencial para a vida humana, vendo-a como “parente”. No decorrer da história *Karu Taru: o pequeno pajé*, a natureza é representada em sua

comunicação com os espíritos da crença indígena, pois ela serve de recurso à preparação de remédios para a cura de enfermos que chegam até o pajé. Os remédios caseiros do pajé, feitos de ervas, servem para sanar as doenças de seu povo. As plantas também são utilizadas nos rituais.

Em relação ao meio ambiente, Graúna (2012, p. 272) afirma que “Uma das noções de meio ambiente está relacionada a um conjunto de fatores físicos, biológicos e químicos que cerca os seres vivos, influenciando-os e sendo influenciado por eles”. Os indígenas se deixam influenciar inteiramente pelo meio ambiente, inclusive considerando a terra como mãe.

No que se refere à natureza, Daniel Munduruku, em seu ensaio “Literatura Indígena e as novas tecnologias da memória”, considera que:

Todo esse aprendizado de respeito à natureza vai ser absorvido pelo inconsciente das crianças que aprenderão, desde a mais tenra idade, a pertencer a um universo que está para além de sua compreensão. Irão ouvir que, em tempos imemoriais, eram os animais, as plantas, os peixes, as árvores, as aves que mandavam no mundo e até mesmo no homem. Através destes momentos ricos de significado, o pequeno e a pequena, o jovem rapaz ou a menina-moça vão aprendendo a viver socialmente com o meio que o cerca. Vão aprendendo que não se deve mandar na natureza, mas conviver com ela, pedindo-lhe que ensine toda sua sabedoria e eles possam ser alimentados material e espiritualmente pela Grande-Mãe. (MUNDURUKU, 2014, p.178)

De acordo com o autor, é possível verificar a forte ligação que os indígenas têm com a natureza, respeitando-a e valorizando-a. Ainda pequenas, as crianças aprendem a viver no meio que as cerca, pois têm muito a aprender com a natureza, a qual fornece os alimentos. Além disso, a ela se relacionam através da espiritualidade vinda dos matos, dos frutos da terra.

Pode-se dizer, devido à cultura urbana a qual estão inseridos, que os “brancos” não vivem o tempo presente, pois vivem preparando o futuro, correndo atrás de objetivos a serem alcançados, visando sempre o consumo. Diferentemente são as etnias que buscam aproveitar o máximo do presente, pois para elas o futuro não existe como de fato é; não veem sentido em se dedicar ao hoje para conseguir o

amanhã. Voltando à questão da natureza, percebe-se que os “brancos” querem construir destruindo, sem se importarem com as consequências, derrubam as árvores e não pensam na falta que estas podem fazer ao ecossistema; asfaltam estradas, sem pensar nas consequências de não haver um bom escoamento da água da chuva, entre outros. Os “brancos” apenas se importam em lucrar, nesse mundo capitalista em que se encontram.

Os indígenas possuem uma forte ligação com a terra, todas as pessoas têm muito a aprender com eles, pois são conscientes e preservadores, enquanto os “brancos” somente pensam em poluir, construir e desmatar. Ou seja, não valorizam o meio ambiente como deveriam valorizar.

1.2 Rituais e crenças

Os indígenas costumam realizar modos diferentes de rituais para alcançarem os objetivos propostos e se protegerem espiritualmente. Ao mencionar este povo, que passou durante a história por tantas injustiças e massacres pelos europeus, pode-se observar sua força e resistência para manter viva sua cultura na qual os rituais e as crenças estão imersos. Gersem dos Santos Luciano traz, em “Quem são e quantos são os índios no Brasil”, a seguinte afirmação: “O índio de hoje é um índio que se orgulha de ser nativo, de ser originário, de ser portador de civilização própria e de pertencer a uma ancestralidade particular” (2006, p. 34). Como se observa na referência acima, atualmente o indígena sente orgulho de se pertencer a um grupo particular, reivindicando o direito de suas terras, tendo orgulho de lutar pelo seu povo.

Os rituais indígenas são ligados à “mãe-natureza”; neles também se encontram muitos outros aspectos que são fundamentais para sua realização, como os cantos promovidos pelos cantadores, a presença de um Deus e dos espíritos que os ajudam.

Em relação ao ritual indígena, Cavalcante, sobre a obra de Napoleão Figueiredo e Anaíza Vergolino (1972), afirma que:

Em relação ao mundo que permeia tal prática, os autores relataram que no ritual o pajé lida com um conjunto de seres como espíritos que seriam intermediários entre os homens e os santos. Entre as entidades espirituais, podemos encontrar agrupadas em espíritos da mata, das águas, caboclos, encantados, os brancos e os anjos. (CAVALCANTE, 2008, p.46)

Percebe-se, então, com a compreensão de Cavalcante (2008), que os espíritos, com os quais o pajé se comunica durante o ritual, são os intermediários entre os homens e os santos, seriam como anjos; no entanto, mais específicos. Cada espírito é responsável por um item especial, como a mata, a água, entre outros.

Os rituais indígenas se relacionam às crenças. Como já foram apontadas durante o trabalho, elas são fundamentais para a especificidade da cultura étnica do povo indígena. Assim, pode-se citar, como exemplo de crença, na história *Karu Taru*: o pequeno pajé, como exemplo de crença, a história de uma menina enferma que chega ao pajé. Este, juntamente com a comunidade e o cantador, realiza o ritual, invocando aos espíritos bons a cura da personagem:

Ao perceber a gravidade do caso, o pajé mandou chamar um cantador para auxiliá-lo. A todos os presentes lembrou que a cura de alguém não dependia apenas de uma pessoa, era preciso que toda a comunidade estivesse harmonizada para que os espíritos pudessem mandar a cura ao paciente. Disse ainda que a presença do cantador era importante nesse momento, porque era ele quem iria cuidar do equilíbrio de todos os presentes na casa para não deixar que os espíritos ruins entrassem e levassem a alma da menina para o mundo dos mortos. (MUNDURUKU, 2013, p.27)

Pode-se entender, por meio da passagem acima, a importância da união de todos os membros presentes para a realização do ritual da cura; também a crença no poder dos espíritos e o poder deles para combater os outros espíritos ruins, protegendo, assim, a alma dos indígenas. Além disso, revela a importância do cantador, promovedor da harmonia. Enfim, o livro é cercado de crenças e rituais, demonstrando conhecimento e sabedoria do povo munduruku ao leitor.

1.3 Sujeito, escolha e tempo

Na etnia Munduruku, que se encontra na história *Karu Taru*: o pequeno pajé, é possível verificar que existe uma predestinação: a escolha de um menino bebê

para assumir a missão de ser pajé. Ao escolhido, os sonhos não podem ser adormecidos, como nas demais crianças, pois quando adulto trabalhará utilizando-os a favor de sua comunidade. Como já foi informado neste artigo, o menino Karu Taru, conforme vai crescendo, se sente confuso e até mesmo deseja não ter sido “o escolhido”. Na idade de 9 anos, quando o pajé começa a prepará-lo para o posto, Karu lhe faz muitos questionamentos e dentre eles o desejo em saber se pelo fato de ter nascido com o dom, necessariamente teria que apropriá-lo. O pajé, nesse momento, é preciso na resposta, informando ao menino que ele possui o livre arbítrio, ou seja, que é livre para fazer todas as escolhas em sua vida, mas que primeiro deve pensar no bem de seu povo.

Observa-se, então, que Karu, mesmo sendo o escolhido, era livre como todos os outros indígenas, pois o sujeito tem direito de fazer suas próprias escolhas, independentemente de quais sejam. Além disso, o povo indígena munduruku se preocupa muito com o seu próximo, vive em comunidade, buscando o melhor para os seus. Assim, como nos traz a história, o pajé diz a Karu que antes de optar por qualquer escolha, deveria pensar em seu povo. Fica nítida, nesse momento, a preocupação com o coletivo.

Além de trazer a possibilidade de escolha, é necessário perceber, durante a história, a importância do tempo na formação do indivíduo indígena. Os fatos acontecem em seu tempo, prova disto é quando a história de Karu revela que, somente depois dos trinta anos, quando adulto e com sua família constituída e os filhos crescidos, para cuidar da mãe, é que ele (Karu) pode ser líder espiritual. Depois dos filhos maiores, Karu será considerado, então, um homem maduro por tê-los criado, digno de servir a seu povo, através da cura e do sonho.

1.4 Sujeito e crenças

A história de Karu Taru é repleta de crenças e rituais, específicas dessa etnia, a munduruku. A crença fica aparente no enredo por meio da constante comunicação que o pajé mantém com os espíritos, por meio de sonhos e invocações, realizados

para receber orientações. Tais orientações se referem a algo que ainda irá acontecer ou ainda como curar uma pessoa enferma que pede ajuda para o povo indígena. Como a narrativa conta, as doenças são espíritos maus apossados sobre o corpo, deixando-o enfermo. Somente o pajé tem o poder de se comunicar com os espíritos, pois é o mediador e conhecedor do que está por vir, por meio das informações que lhe são passadas. Através das orientações dos espíritos, o pajé realizava rituais que curava, libertando os enfermos, que ali chegavam, dos maus espíritos, cumprindo sua missão de curador. Ana Luísa Gonçalves de Alencar, em seu trabalho “Feitiçaria entre os Munduruku: Uma forma de resistência cultural, (2001)” afirma que há vários tipos de feitiços:

Para intestino solto, cobreiro, tuberculose, derrame, hepatite, cirrose hepática, sarampo, anemia, gonorreia, sífilis, herpes etc. ...apesar destas doenças serem caracterizadas como doenças de “branco”, já que muitas delas passaram a existir entre eles depois do contato do grupo com a sociedade nacional, a interpretação dos Munduruku desse tipo de doença também se caracterizou como sendo feitiço. (ALENCAR, 2001, p.56)

De acordo com a autora, entende-se que os indígenas não tinham essas doenças antes da chegada do “branco”, pois, com a vinda dele, apareceram tais enfermidades. Esses males, por parte do povo munduruku, são entendidos como feitiços.

Ainda de acordo com ALENCAR, Munrphy, em sua obra *Munduruku Religion* (1958) “caracterizou a problemática do feitiço vinculando-a a maléficas influências sobrenaturais, causadas pelo fato de os Munduruku infringirem regras do convívio com a natureza e da própria ação do feiticeiro contra o grupo” (2001, p. 56). Ou seja, os feitiços podem ser causados tanto por feiticeiros, como pela própria natureza, é dever deles honrá-la, de maneira que ela os beneficia, nos diversos aspectos da vida. Ela, a natureza, pode se voltar contra o grupo se não for valorizada.

Outra crença indígena, que se observa na obra *Karu Taru*: o pequeno pajé, é a continuidade da cultura repassada por meio de “contações” de histórias aos mais novos, pois acreditam que, através do contar dessas histórias, a cultura não morrerá. Assim, as crianças são aconselhadas a transmiti-las também aos seus filhos, netos e às outras gerações. Diante da fala de uma pessoa mais velha, a

criança indígena mantém todo o respeito, pois os mais velhos têm lições a transmitir, ou melhor, conhecimentos aos mais novos. Munduruku (2014) afirma que cabe aos pais ensinar aos filhos as práticas na vida, as tarefas do dia a dia. Para o autor, quem deve alimentar o espírito são os avós, pois contarão às crianças que elas fazem parte da natureza e devem honrá-la para que possam viver com fraternidade e alegria na vida.

Considerações finais

Este trabalho pode colaborar, por meio da abordagem da história de Karu Taru, com o conhecimento dos leitores acerca da relevância da cultura e identidade indígena, trazendo aspectos importantes da etnia munduruku, contida no enredo *Karu Taru: o pequeno pajé*, escrita por Daniel Munduruku.

Neste artigo, foram abordados alguns pontos sobre o povo indígena, como a importância da natureza, sugerida pelos espíritos ao pajé; a exposição na narrativa de rituais e crenças que se encontram na etnia indígena munduruku, voltadas à cura de doenças que, de acordo com os indígenas, são espíritos maus que habitam as pessoas, necessitando, assim, da intervenção do pajé; a união harmônica da comunidade presente no ritual; a intervenção de seres superiores, espíritos que orientam o pajé a desvendar sonhos difíceis e curar doenças surgidas em seu povo; o incentivo e orientação dos mais velhos aos mais novos. Exemplo: quando o pajé começa a orientar Karu aos 9 anos no instante de dúvidas sobre sua missão (como a cura da menina doente, realizada pelo ritual feito pelo pajé frente à comunidade, o cantador e os espíritos, Karu passa a ver que é um privilegiado, sentindo orgulho de ter sido um “escolhido”).

Este artigo permitiu também uma possível análise em torno do indígena em tomar atitudes, sendo sempre direcionado a pensar no bem de seu povo; também revelou a importância para os indígenas em seguir o tempo cronológico e psicológico próprios de cada fase da vida humana, respeitando-as.

Além disso, para efeito de conclusão, entende-se que atualmente há muitos materiais diversificados e enriquecedores sobre os povos indígenas e que os docentes podem utilizá-los em sala de aula com seus alunos, visto que a formação

deve ser de qualidade e o professor pode, em sua atuação, fundamentar a prática na teoria, buscando sempre selecionar bem os materiais a serem utilizados de acordo com o objetivo a ser atendido. Libâneo, na obra “Didática” (2013, p.27), trata da formação do profissional docente, afirmando que a didática é a mediação entre a teoria e a prática dos professores na escola.

O estudo aqui desenvolvido foi sobre o livro infantil *Karu Taru: o pequeno pajé*, de Daniel Munduruku. Cabe aos educadores apresentar obras como essa aos estudantes e analisá-las em conjunto, desconstruindo assim os inúmeros estereótipos sobre os povos indígenas.

Referências

ALENCAR, Ana Luísa Gonçalves de Alencar. *Feitiçaria entre os Munduruku: uma forma de resistência cultural*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2001.

CAVALCANTE, Patrícia Carvalho Cavalcante. Dissertação de Pós-Graduação “De “nascença” ou de “simpatia”: iniciação, hierarquia e atribuições dos Mestres na Pajelança Marajoara.” Belém – Pará, 2008.

GRAÚNA, Graça. Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. *Revista Educação & Linguagem* - jan. jun. v. 15, n. 25. Editora Roseli Fischmann, 2012.

LUCIANO, Gersem dos Santos Luciano. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, Coleção Educação para Todos, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. “Didática: teoria da instrução e do ensino. Os componentes do processo didático”. In: LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013. p.57.

MUNDURUKU, Daniel. “Ensaio Literatura Indígena e as novas tecnologias da memória”. In: MARTINS, Maria Sílvia Cintra (org.). *Campinas, SP: Mercado de letras*, 2014.

MUNDURUKU, Daniel Munduruku. *Karu Taru: o pequeno pajé*. Ilustrações Marilda castanha. Porto Alegre, RS: EDELBRA, 2013.

THIÉL, Janice Cristine; QUIRINO, Vanessa Ferreira dos Santos. “Literatura indígena na escola: um caminho para a reflexão sobre a pluralidade cultural”. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Universidade Católica do Paraná, 2011.